A SOCIEDADE DO CANSAÇO E A CRISE DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA DIGITAL

Eugênio Raizer Netto[1]

Prof. Me. Luis Gustavo Régis Pitombeira[2]

RESUMO

Examina-se a relação entre a sociedade do cansaço e a crise da participação política na era digital, considerando os efeitos da hiperconectividade, da sobrecarga informacional e da cultura do desempenho sobre a experiência democrática contemporânea. O estudo parte do problema de que a ampliação dos fluxos digitais de comunicação, embora prometa maior interação cívica, também intensifica dispersão, fadiga psíquica, vigilância, polarização e enfraquecimento dos vínculos coletivos. Objetiva-se analisar de que modo o esgotamento subjetivo e os mecanismos digitais de indução comportamental afetam o engajamento político, a deliberação pública e a qualidade da cidadania. Utiliza-se de revisão bibliográfica e documental, com diálogo entre autores da teoria social, da ciência política e da filosofia contemporânea, para se atingir os objetivos. Os resultados indicam que o ambiente digital, subordinado à lógica da performance e à economia da atenção, tende a deslocar a participação de formas mais reflexivas e duradouras para interações fragmentadas, emocionais e descontínuas. Conclui-se que a crise da participação política na era digital não decorre apenas de apatia individual, mas também de um arranjo sociotécnico que transforma a atenção, a subjetividade e a comunicação em recursos exploráveis, produzindo desgaste democrático e novos obstáculos ao exercício efetivo da cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: democracia digital; hiperconectividade; participação política; psicopolítica; sociedade do cansaço.

INTRODUÇÃO

A digitalização da vida social alterou profundamente os modos de comunicação, trabalho, sociabilidade e participação política. Em um cenário marcado pela conectividade permanente, pela circulação acelerada de informações e pela intensificação das exigências de desempenho, a promessa inicial de ampliação democrática associada à internet passou a

[1] Graduado em Engenharia de Software, FAVILI, e-mail: eugenioraizer@hotmail.com.

[2] Professor orientador, Mestre em Direito, FAVILI, e-mail: gustavopitombeira@gmail.com.

conviver com fenômenos como fadiga cognitiva, fragmentação do debate público, desinformação, vigilância de dados e instabilidade dos vínculos cívicos. Nesse contexto, a sociedade do cansaço, acompanhada pela propagação de patologias do desempenho, pela exigência contemporânea de alta produtividade e automotivação, constitui uma chave teórica relevante para compreender o modo pelo qual a subjetividade contemporânea é moldada por imperativos de produtividade, exposição e autogerenciamento.

A cultura digital não opera apenas como meio técnico de interação. Ela também reorganiza a atenção, modula comportamentos e redefine a experiência da esfera pública. Em vez de promover automaticamente maior deliberação e participação qualificada, as plataformas tendem a estimular respostas imediatas, engajamentos episódicos, consumo acelerado de conteúdos e formas emocionais de adesão política. O excesso de estímulos, somado à lógica da performance e à monetização dos dados, contribui para um ambiente em que o cidadão permanece conectado, mas nem sempre politicamente fortalecido.

Diante disso, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que modo a sociedade do cansaço, intensificada pela dinâmica digital contemporânea, contribui para o enfraquecimento da participação política e da qualidade democrática? Parte-se da hipótese de que a sobrecarga informacional, a economia da atenção e os mecanismos digitais de vigilância e indução comportamental favorecem práticas políticas mais dispersas, reativas e vulneráveis à manipulação, em detrimento de processos participativos mais reflexivos, estáveis e coletivamente orientados.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a cultura do desempenho e o esgotamento subjetivo, articulados à arquitetura comunicacional das plataformas digitais, afetam a cidadania, o debate público e a participação democrática. De modo específico, busca-se: contextualizar a noção de sociedade do cansaço no ambiente digital; examinar os impactos da hiperconectividade e do capitalismo de dados sobre a experiência política; e discutir em que medida tais transformações tensionam a representação, o engajamento cívico e a deliberação democrática na contemporaneidade.

A relevância do tema reside no fato de que a crise da participação política não pode ser explicada apenas por desinteresse individual ou por falhas institucionais tradicionais. Ela também deve ser compreendida à luz das condições sociotécnicas que reorganizam a percepção, a comunicação e os afetos coletivos. Assim, ao articular teoria social, filosofia contemporânea e ciência política, o estudo pretende contribuir para a compreensão crítica dos limites democráticos da era digital e de seus efeitos sobre a formação de sujeitos politicamente exaustos, hiperestimulados e, paradoxalmente, menos capazes de participação cívica consistente.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório e analítico, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e documental. A escolha desse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de examinar, de forma crítica e interdisciplinar, a relação entre sociedade do cansaço, cultura do desempenho, tecnologias digitais e participação política, articulando contribuições da filosofia contemporânea, da teoria social e da ciência política. Dessa forma, a análise não focou apenas em instituições, mas na forma como os indivíduos experimentam o mundo social sob a pressão do desempenho.

O corpus teórico priorizou obras em razão de sua pertinência temática e atualidade, com destaque para aquelas que discutem psicopolítica, democracia digital, capitalismo de vigilância, crise da representação, populismo digital e vulnerabilidades informacionais. Foram mobilizados, entre outros, Byung-Chul Han (2015; 2018), Wilson Gomes (2018), Manuel Castells (2018), Shoshana Zuboff (2019), além de artigos de Mocellim (2021), Sampaio *et al.* (2022), Bachini, Oliveira e Cará (2023), Kritsch, Silva e Teixeira (2024) e Caldas e Caldas (2019). Dessa forma, tais conceitos foram utilizados como chaves para entender a erosão da cidadania na era digital, permitindo uma análise que conecta a saúde mental do cidadão à qualidade da deliberação pública.

A análise foi conduzida em três etapas complementares. Na primeira, procedeu-se ao levantamento e à leitura interpretativa da bibliografia principal, com identificação dos conceitos centrais relacionados ao esgotamento subjetivo, à lógica do desempenho e à transformação digital da esfera pública. Na segunda, realizou-se a triangulação dos dados obtidos, buscando compreender como a hiperconectividade, a economia da atenção e a exploração de dados interferem na cidadania e no engajamento político, e como lógica da performance e a economia da atenção atuam como vetores de fadiga cognitiva. Na terceira, foram sistematizados os argumentos convergentes e as tensões analíticas encontradas nos textos, de modo a construir uma interpretação crítica sobre os efeitos democráticos da era digital.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A bibliografia examinada permite sustentar que a crise da participação política na era digital não decorre exclusivamente de apatia cívica, mas de uma transformação mais profunda da experiência social. Em Han (2015; 2018), o sujeito contemporâneo já não é definido prioritariamente por interdições externas, mas por um regime de positividade, desempenho e autogerenciamento que o leva à exaustão. Essa mudança é decisiva para a análise política, porque o cidadão hiperconectado tende a permanecer permanentemente exposto, responsivo e

pressionado, mas nem por isso mais capaz de ação coletiva consistente. O excesso de conexão convive, assim, com formas de enfraquecimento da atenção, dispersão cognitiva e esgotamento subjetivo.

Essa dinâmica torna-se ainda mais relevante quando observada à luz das plataformas digitais. Zuboff (2019) demonstra que a experiência humana passa a ser convertida em matéria-prima para extração de dados, previsão comportamental e indução de condutas. Em lugar de uma esfera pública fortalecida por comunicação livre e racional, consolida-se uma arquitetura digital que monetiza a atenção, organiza a visibilidade e intervém sobre preferências, afetos e decisões. Nesse cenário, a participação política é frequentemente deslocada de práticas deliberativas mais densas para reações rápidas, cliques, compartilhamentos e adesões episódicas, intensificando a superficialidade e a vulnerabilidade à manipulação.

A obra de Gomes (2018) contribui para evitar leituras simplistas, pois mostra que a democracia digital envolve potencialidades reais de informação, interação e ampliação de acesso à arena pública. Entretanto, o próprio desenvolvimento histórico do campo indica que tais possibilidades não se realizam automaticamente. Os resultados da literatura analisada sugerem que a mediação digital depende de condições institucionais, culturais e tecnológicas específicas. Quando essas condições são capturadas por lógicas de mercado, segmentação algorítmica e competição por atenção, a participação tende a assumir formas fragmentadas e emocionalmente intensas, mas pouco duráveis.

No plano político-institucional, Castells (2018) identifica uma ruptura entre governantes e governados, marcada por desconfiança, crise de legitimidade e esvaziamento da representação. Esse diagnóstico dialoga com o argumento de que o ambiente digital, em vez de simplesmente recompor a confiança democrática, pode amplificar ressentimentos e radicalizações. O problema não reside apenas no uso político das redes, mas também na forma como as redes estruturam a circulação de narrativas, o apelo à autenticidade imediata e a erosão das mediações tradicionais.

Os artigos mais recentes, entre 2019 e 2026, fortalecem essa interpretação. Sampaio *et al.* (2022) mostram a consolidação do campo da democracia digital no Brasil, indicando a complexificação teórica e metodológica das pesquisas sobre internet e democracia. Kritsch, Silva e Teixeira (2024) ressaltam que a instrumentalização em larga escala de plataformas e redes sociais, associada a fake news e estratégias de manipulação, compromete a esfera pública e favorece formas de populismo digital. Bachini, Oliveira e Cará (2023), ao observarem o ambiente informacional das eleições de 2018, evidenciam como a comunicação digital pode reforçar narrativas populistas e antipluralistas. Já Caldas e Caldas (2019) sublinham o impacto do *big data* (conjuntos de dados extremamente grandes, complexos e de rápido crescimento),

das *fake news* (informações falsas, imprecisas ou distorcidas) e das *shitstorms* (linchamento virtual, caracterizado por uma onda massiva e repentina de críticas, insultos e reações negativas) sobre os processos eleitorais, indicando novas vulnerabilidades democráticas.

Sob o ponto de vista da subjetividade, Mocellim (2021) amplia a leitura de Han ao articular a psicopolítica ao mal-estar contemporâneo. Essa contribuição é importante porque mostra que o desgaste democrático não é apenas institucional ou comunicacional; ele também se manifesta na forma como os indivíduos experimentam o mundo social. A cobrança permanente por desempenho, a necessidade de exposição e a vigilância difusa produzem sujeitos mais cansados, ansiosos e suscetíveis a respostas imediatas, o que repercute negativamente na construção paciente do debate público, da escuta e da participação refletida.

Essa exaustão, todavia, não se reflete apenas em cansaço físico da população, aquele que pode ser sentido no dia a dia ou no ambiente de trabalho, mas também em uma fragmentação da psique do indivíduo que impede a escuta do outro, o que é essencial para o exercício da democracia. É o que Ballesteros (2024) define como "*Burnout social*", pois, como os relacionamentos são verdadeiras trocas onde são oferecidos recursos limitados ao outro, estes são difíceis de preservar, gerando esgotamento de nosso tempo, energia e atenção.

Dessa forma, o debate político deixa de ser uma atividade que oferece discussões fluidas e respeitosas, passando a ser visto como uma performance que, para muitos, é exaustiva e gera uma ansiedade de reconhecimento. Isso acarreta no fato de que o cidadão não quer apenas debater sobre questões políticas com outros, mas sim "performar" uma identidade política para ser validado pelo algoritmo e conseguir um engajamento vazio nas redes sociais.

Desse modo, os resultados da revisão apontam para uma tensão central: o mesmo ambiente digital que amplia possibilidades de expressão e circulação de informação também intensifica mecanismos de captura da atenção, dispersão cognitiva, vigilância e modulação comportamental. A crise da participação política, portanto, deve ser compreendida como efeito combinado de mudanças tecnológicas, econômicas e subjetivas. Em vez de produzir automaticamente mais democracia, a era digital pode favorecer um modelo de engajamento intermitente, emocionalizado e exaustivo, que enfraquece a cidadania ativa e compromete a qualidade deliberativa das democracias contemporâneas.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar como a sociedade do cansaço, articulada à cultura do desempenho e à dinâmica das plataformas digitais, contribui para o enfraquecimento da participação política na contemporaneidade. A revisão bibliográfica realizada permitiu verificar que a crise do engajamento cívico não pode ser reduzida à ideia de simples desinteresse

individual. Ela está vinculada a um ambiente sociotécnico que sobrecarrega a atenção, reorganiza os afetos, monetiza dados e favorece práticas políticas fragmentadas, emocionalizadas e vulneráveis à manipulação. Pode-se dizer, assim, que a saúde da democracia depende, intrinsecamente, da saúde mental dos cidadãos que a compõem.

Conclui-se que a era digital apresenta uma ambivalência estrutural: ao mesmo tempo em que amplia possibilidades de informação, expressão e circulação pública, também intensifica mecanismos de vigilância, modulação comportamental, fadiga psíquica e desgaste da deliberação democrática. Desse modo, a crise da participação política deve ser compreendida como resultado da convergência entre capitalismo de dados, psicopolítica (pela qual o controle não ocorre pela coação física, mas pela manipulação da psique e das emoções), hiperconectividade e fragilização das mediações institucionais.

A compreensão crítica dessas transformações é fundamental para pensar formas de cidadania e participação que resistam ao cansaço socialmente produzido e fortaleçam a qualidade da vida democrática. Faz-se necessária, portanto, a implementação de políticas de bem-estar digital e uma cultura de "desconexão" das redes sociais, servindo como atos de resistência política e preservação da cidadania ante essa cultura do cansaço político em redes sociais e a propagação da falta de interesse nos debates pelo adoecimento da população por conta de patologias do desempenho.

REFERÊNCIAS

BACHINI, Natasha; OLIVEIRA, Lucy; CARÁ, Felipe Amador. Onde está o povo? Comunicação digital e populismo nas eleições de 2018. **Tempo Social**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 161-188, 2023.

BALLESTEROS, Emily. **A cura do burnout:** Como encontrar equilíbrio e recuperar sua vida após o esgotamento. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2024. 336 p.

CALDAS, Camilo Onoda Luiz; CALDAS, Pedro Neris Luiz. Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 196-220, abr./jun. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura:** a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

GOMES, Wilson. **A democracia no mundo digital:** história, problemas e temas. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica:** o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRITSCH, Raquel; SILVA, André Luiz da; TEIXEIRA, Raniery Parra. **Democracia, representação política e populismo na era das tecnologias digitais**. Lua Nova, São Paulo, n. 123, e123042rk, 2024.

MOCELLIM, Alan Delazeri. Psicopolítica e mal-estar da contemporaneidade. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 94-107, jan./abr. 2021.

SAMPAIO, Rafael Cardoso *et al*. O campo da democracia digital brasileira: uma análise cientométrica de artigos publicados entre 1999 e 2020. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 37, p. 1-38, 2022.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism:** the fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs, 2019.